

Chico Buarque e Paulo Pontes

Gota d'água

Breve Resumo

O drama *Gota D'Água* foi escrito por Chico Buarque e Paulo Pontes. A obra conta a história de **Jasão e Joana**, um casal que se separou e, nas custas da solidão, a falta de vontade de viver de Joana. Vendo seu ex-marido superá-la rapidamente, de casamento marcado com a filha do magnata **Creonte**, a sua sede de vingança tende só a aumentar. Jasão era um sambista, porém seu sogro queria que ele desse um futuro “decente” a sua filha, tudo do bom e do melhor, obrigando-o assim a trabalhar com ele. Tendo que cobrar de seus antigos vizinhos o dinheiro que os mesmo deviam a Creonte, foi impossível para Jasão deixar de lembrar de todos os momentos vividos com seus amigos, companheiros de boteco! Com medo que a ex-mulher de seu futuro genro interferisse no casamento de sua amada filha, Creonte tenta expulsar Joana da vila, dando apenas um dia pra ela completar a sua mudança. Fingindo ter compreendido tudo, ela manda seus dois filhos ao casamento do pai, levando de “lembrança” para os noivos um bolo envenenado. Assim que Creonte viu as duas crianças na festa, mandou imediatamente que as mesmas se retirassem, recusando o presente de Joana. Interpretando isso como um sinal divino, Joana come o bolo com seus dois filhos, prometendo-lhes ir para o paraíso.

Sobre Francisco Buarque de Holanda



<https://www.youtube.com/watch?v=z7eLYv3loqg>

*“O meu pai era paulista/ Meu avô, pernambucano/ O meu bisavô, mineiro/
Meu tataravô, baiano/ Meu maestro soberano/ Foi Antonio Brasileiro.”*

Esses são os primeiros versos da canção "Paratodos", gravada em 1993. Nela, celebrando seus ascendentes familiares e seu padrinho musical (Tom Jobim, o "Antonio Brasileiro"), presta uma homenagem a todos os brasileiros.

Nascido numa família de intelectuais (o pai foi o historiador e sociólogo Sergio Buarque de Holanda), Chico mudou-se ainda criança do Rio para São Paulo. Na capital paulista, fez os estudos primários e secundários no Colégio Santa Cruz, onde se apresentou pela primeira vez num palco, com "Canção dos Olhos", uma composição sua.

Em 1963, ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (que cursaria só até o terceiro ano). No ano seguinte, inscreveu-se no festival promovido pela TV Excelsior (São Paulo) com "Sonho de um Carnaval", cantada por Geraldo Vandré. Começou a ficar conhecido, passando a apresentar-se no Teatro Paramount. Ainda em 1964, participou do programa "O Fino da Bossa", comandado pela cantora Elis Regina.

Sua primeira gravação, de 1965, foi o compacto "Olé Olá". A consagração, no entanto, viria com o festival de MPB da TV Record (São Paulo). Chico concorreu com a marcha "A Banda", que foi interpretada por Nara Leão e venceu o festival (junto com "Disparada", de Geraldo Vandré). Chico ganhou projeção nacional, e sua carreira tomou impulso.

Com o acirramento da ditadura militar estabelecida em 1964, a produção artística de Chico sofreu grande impacto. Em 1967, ele estreou o espetáculo "Roda-Viva", que acabou censurado. Em 1968, dada a repressão política, Chico preferiu o exílio na Itália.

Voltou para o Brasil em 1970 e lançou o álbum "Construção" no ano seguinte. Em 1972, foi ator em "Quando o Carnaval Chegar", filme de Cacá Diegues para o qual havia composto várias músicas. Chico Buarque ainda fazia a trilha sonora do filme "Vai Trabalhar, Vagabundo", dirigido pelo ator Hugo Carvana em 1973.

Também em 1973, em parceria com o dramaturgo Ruy Guerra, escreveu o texto e as músicas da peça "Calabar, o Elogio da Traição". A peça foi proibida, embora algumas canções tivessem sido gravadas em disco. Em 1974, Chico lançou o álbum "Sinal Fechado", interpretando músicas de outros compositores, e iniciou nova carreira, como escritor, publicando a novela "Fazenda Modelo". No ano seguinte, escreveu com o dramaturgo Paulo Pontes a peça "Gota d'Água".

Em 1975, Chico lançou o disco "Os Saltimbancos", uma fábula musical que ele traduziu e adaptou do italiano "I Musicanti", de Luiz Enriquez e Sergio Bardotti. As canções foram grande sucesso e serviram para a montagem teatral "Os Saltimbancos".

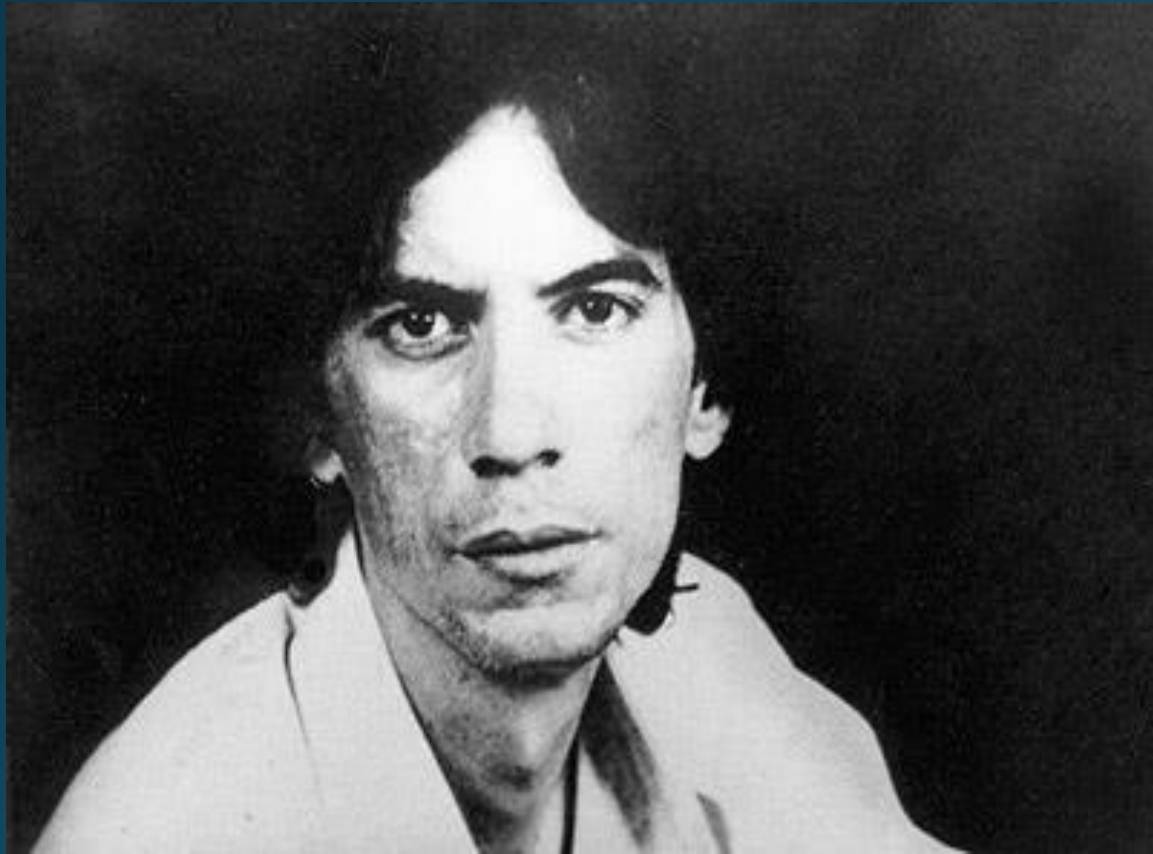
Três anos depois, Chico escreveu e compôs as canções da "Ópera do Malandro", peça com a qual ganhou o Prêmio Molière de melhor autor teatral de 1978.

https://www.youtube.com/watch?v=q-KT_pE2-rY - Filme

<https://www.youtube.com/watch?v=lkHonPiF7mE> - Espetáculo

<https://www.youtube.com/watch?v=RY3znHgjDLw> – Tango do Covil

Sobre Paulo Pontes



- Vicente de Paula Holanda Pontes (Campina Grande, Paraíba, 1940 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976).
- Dramaturgo, produtor de rádio e teatro, locutor, jornalista e tradutor.
- De família pobre, muda-se com os pais para João Pessoa, em 1944. Freqüentador da biblioteca pública local, assiste aos programas de auditório da Rádio Tabajara e circula entre os palcos e grupos teatrais da cidade.
- Em 1956, faz uma pequena participação como ator na peça *Apenas uma Cadeira Vazia*, de Hermilo Borba Filho (1917-1976).
- Muda-se para o Rio de Janeiro em 1959 e ganha uma bolsa de estudos do Museu Histórico e Geográfico Nacional.

Com dificuldades para se manter, retorna a João Pessoa e trabalha na Rádio Tabajara como redator, produtor e locutor do programa *Rodízio*. Participa ainda da Ceplar, campanha de alfabetização popular fomentada pelo governo paraibano.

Retorna para o Rio em 1964 ,chega à cidade momentos antes de os militares tomarem o poder e vê a sede da UNE ser metralhada e incendiada.

Colabora com os artistas que produzem o show *Opinião*. Integra o Grupo Opinião, espaço criado em seguida, em que a intelectualidade de esquerda pode manter acesos seus ideais de resistência.

Vítima da censura, o Opinião passa por dificuldades e, em 1967, parte de sua equipe, entre eles Paulo Pontes, despede-se do grupo. Pontes retorna à Paraíba e passa a trabalhar na rádio.

A convite de Almeida Castro, diretor artístico da TV Tupi, retorna ao Rio de Janeiro em 1968, contratado como membro da equipe de criação do canal.

No início da década de 1970, passa a escrever regularmente para o teatro. Surgem, entre outras peças, *Um Edifício Chamado 200* (1971), e *Check-Up* (1972), pela qual recebe o Prêmio Governo do Estado da Guanabara. Em 1975, em parceria com o compositor Chico Buarque (1944), escreve *Gota d'Água*, sua última peça.

No decorrer de sua carreira, Paulo Pontes participa de momentos cruciais da vida cultural brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Ele faz parte da geração de artistas que redimensionam a função social do teatro, dando-lhe um caráter utilitário e pedagógico e transformando-o em veículo para a propagação de uma consciência esquerdizante, em diálogo com a cultura popular brasileira e em busca de novos públicos. Retomando formas peculiares à história do teatro brasileiro, como a comédia de costumes, capta em suas peças as mudanças pelas quais a cultura e o país passam durante os anos da ditadura militar. Sua obra dramática e seus textos ensaísticos, marcados pela reflexão sociológica e estética, podem ser encarados como um testemunho do processo de desagregação, a partir de 1964, dos projetos de um teatro popular de esquerda, desarticulado pela repressão e pelo crescimento da indústria cultural.

Gota d' água – Uma tragédia brasileira

Gota d'Água (1975) toma como matéria dramática o papel atribuído às classes médias no processo de modernização autoritária levado adiante pelo governo militar brasileiro. Escrita em parceria com Chico Buarque, baseada em texto de Oduvaldo Vianna Filho e em *Medeia* (431 a.C.), tragédia de Eurípides (480 a.C - 406 a.C), **investiga a maneira pela qual os quadros da classe média, incluindo a intelectualidade, são cooptados pelo processo produtivo capitalista.** Diante da constatação de que o teatro brasileiro vive uma crise de linguagem que dificulta a representação do momento vivido pelo Brasil, os autores recolocam a palavra no centro do espetáculo teatral, com vistas a recuperar sua lucidez. Estrelada por Bibi Ferreira com direção do encenador e cenógrafo italiano Gianni Ratto (1916-2005), **a peça é considerada pela crítica um dos marcos da moderna dramaturgia brasileira.**

<https://www.youtube.com/watch?v=VYLHFLxX6Ak> –
Gota d' água – Por Bibi Ferreira (Joana)



<https://www.youtube.com/watch?v=Gex2vwAl7do> - Músicas
<https://www.youtube.com/watch?v=T824BRAPph8> - Elenco

O teatro e livro *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, mostra a tragédia grega *Medeia* transformando a protagonista na sofrida Joana e Jasão em um sambista, autor da canção que intitula a peça. Elementos presentes na cultura brasileira, como o samba, são acrescentados à peça. Essa peça mostra o sofrimento de um povo pobre, morador de um conjunto habitacional e explorado por Creonte, dono das casas.

Joana -» Era a mulher de um velho, mas ela o abandonou para viver com Jasão durante 10 anos (nesse tempo ela teve dois filhos com ele), ela dava pra ele tudo o que ele precisava: comida, casa, dinheiro, amor. Até que, com o sucesso do seu samba, ele a abandonou. Joana ficou arrasada e jurou vingança, mas, após fracassar, ela se suicida e leva junto os seus dois filhos.

Jasão -» Era um homem pobre que vivia como todos os outros personagens, ele morou com Joana por 10 anos. Após ganhar sucesso com “Gota d’água”, um samba, ele deixou Joana para trás e foi noivar com a filha do dono de todas as casas, Alma.

Creonte -» Era o dono de todas as casas, ele as construía e as vendia em prestações para os moradores, mas com um problema: juros muito altos. Creonte lucrava muito com isso, aceitou Jasão como genro por amor a Alma, sua filha, mas o que ele queria mesmo era um genro rico e com capacidade de proporcionar uma vida boa a Alma.

Mestre Egeu -> Era o mecânico e sábio do bairro , era um dos únicos que tinham casa própria, era como um pai para Jasão, aconselhava à todos que lhe pediam. Segundo a sua filosofia, “se ninguém pagasse as prestações, Creonte não poderia fazer nada à eles pois ficaria em evidencia que os preços estavam altos”.

Alma -> Era a filha de Creonte, não gostava de Joana e queria casar com Jasão.

Corina -> Era uma das melhores amigas de Joana, era a que mais se importava com ela, e que cuidou de seus filhos. Era esposa de Mestre Egeu.

Záira, Estela e Maria -> Vizinhas, apenas conversam e opinam a respeito de Joana e Jasão, não fazem nenhum dos papeis tão importantes na trama.

Cacetão - » Ficava todo o tempo no bar de Galego. No final da história ele queria casar com Joana.

Nenê -» Uma das vizinhas que possui uma opinião mais forte, ela é que toma a iniciativa de falar com Joana a respeito dos empregos que Creonte queria dar pra todas as vizinhas.

Galego -» Era o dono do bar, e não falava português muito bem, falava com um pouco de sotaque de espanhol.

Xulé -» Era um residente do bairro que se queixa dos altos preços das prestações cobradas por Creonte, e que tinha inveja do Cacetão.

Boca Pequena -» Era o fofoqueiro do bairro, sabia de tudo o que acontecia.

Amorim -» É um homem que se preocupa com as prestações das casas, e houve os conselhos do mestre Egeu, para que não pague. Fica no Bar de Galego conversando com os amigos.

Medeia – Eurípedes

Jasão era rei de Iolco, porém, ao ficar fora por um tempo, perdeu o trono para seu tio. Para que Jasão recuperasse o trono, teria que ir em busca de uma pele de carneiro de ouro (tosão de ouro), roubado de sua família pelos bárbaros do oriente. Assim, Jasão organizou uma expedição chamada Argonáutica, que o levou à cidade de Cólquida. Lá conheceu Medeia, com quem se casou. Devido à alguns acontecimentos, eles tiveram que fugir para Corínto.

A peça se inicia com a nutriz, mulher responsável pelos cuidados com os filhos do casal, se lamentando pela traição de Jasão, que saiu de casa para se casar com a filha de Creontes, rei de Corínto. Medeia se sente largada, humilhada, depois de tudo o que fez por seu marido. Quando seu sofrimento e suas palavras chegam aos ouvidos da população e do castelo real de Corínto, Jasão aparece na casa da ex esposa para avisá-la que será expulsa da cidade, caso ela se posicionasse contra a família real. Logo após, Medeia recebe a visita de Creontes, que conhece os poderes dela, que é feiticeira, e os teme. Ele a expulsa de seu reino e ela pede mais um dia, para que arrume suas coisas e arranje outro lugar para morar. Cedendo ao pedido, Creontes vai embora. Nesse último dia, Medeia convence Jasão de estar arrependida pelas coisas que disse e manda seus dois filhos entregarem presentes à princesa. Porém, os presentes estavam envenenados, matando assim a princesa e o rei, que tentou salvá-la. Jasão corre para sua antiga casa à procura de seus filhos e os encontra mortos pela mãe.

Importante para o vestibular

A personagem Medeia, dentro da tradição dramática ocidental, representa várias facetas de um feminino primitivo: a mulher levada pela pulsão sexual, a feiticeira, a mulher irascível, vingativa, infanticida, mas também a mulher autônoma, a filha resistente ao pai, uma figura que se levanta contra o poder masculino.

Destaque para duas canções:

Flor da idade – apresenta uma letra marcada pela perda da inocência, no espaço de um mundo ainda bem suburbano. As transições para a vida adulta são marcadas pela saudade das primeiras experiências “ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor.” Finamente composta, abusa de aliterações e assonâncias, como aqui em “d” e “a”: “despudorada, a dada, a danada agrada andar seminua”. E a citação quase direta à *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade: “Carlos amava Dora, que amava Lia, que amava Lea (...)

Destaque para duas canções:

Flor da idade – apresenta uma letra marcada pela perda da inocência, no espaço de um mundo ainda bem suburbano. As transições para a vida adulta são marcadas pela saudade das primeiras experiências “ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor.” Finamente composta, abusa de aliterações e assonâncias, como aqui em “d” e “a”: “despudorada, a dada, a danada agrada andar seminua”. E a citação quase direta à *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade: “Carlos amava Dora, que amava Lia, que amava Lea (...)

Gota d’ água – dá relevância a duas vozes: à de Joana, em seu lamento de mulher que tudo ofereceu a Jasão e terminou abandonada, mas também à do próprio Jasão, quando de seu alerta a Creonte de que o povo, pressionado demais como está, poderá acabar explodindo, ao cair de uma só gota. Além disso, a música antecipa a vingança de Joana contra Jasão.

Flor da Idade

A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia
Pra ver Maria
A gente almoça e só se coça e se roça e só se vicia
A porta dela não tem tramela
A janela é sem gelosia
Nem desconfia
Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amo

Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
A armadilha
A mesa posta de peixe, deixe um cheirinho da sua filha
Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
Que maravilha
Ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor

Vê passar ela, como dança, balança, avança e recua
A gente sua
A roupa suja da cuja se lava no meio da rua
Despudorada, dada, à danada agrada andar seminua
E continua
Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor

Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que
amava Paulo que amava Juca que amava Dora que amava
Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que
amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava
Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto que
amava a filha que amava Carlos que amava Dora que
amava toda a quadrilha.